

LUCIEN FEBVRE E A HISTÓRIA (*).

A vida ardente de Lucien Febvre foi tôda ela consagrada à paixão da História. Mas a História é o passado a desembocar no presente. E daí a permanente oscilação do seu pensamento histórico, tal como êle se afirmou nas suas obras, ao longo das suas numerosíssimas tomadas de posição, ao correr da sua pena rápida, no fogo da polêmica em que êle freqüentemente se deleitou. Agora que êle já não está entre nós para defender o seu pensamento matizado, será possível a uns e a outros, mesmo sem malícia intencional e certamente sem custo, supor-lhe — a êle e mais ainda aos discípulos que lhe atribuirão sem escrúpulo — tais simplificações que nunca foram suas. Pretenderão provar-nos que a História de Lucien Febvre não foi senão isto ou aquilo... Por exemplo, “a História dos homens sem os homens”; como acaba de o escrever um acadêmico cujo artigo nos fez sorrir. Pois, perguntamos, onde encontramos nós os homens? Na anedota das mil e uma histórias dos franceses contadas aos franceses, ou no âmago de algumas profundas experiências, como as de Lutero, de Rabelais e de tôda essa magnífica família de grandes espíritos do século XVI de que Lucien Febvre fizera os seus amigos diletos? Lucien Febvre teria respondido sem hesitar: “Mas, por tôda a parte”. O homem está em todo o lado, em todos os escalões, em todos os andares da descrição histórica. No entanto, confesso-o, a História que nos propõe a Academia pela voz de Pierre Gaxotte, êsse conto eternamente repetido, cada vez mais desbotado à medida que o retocam prudentes mãos eruditas, essa História aborrece-me mortalmente. Viva o contista... mas quando o contista é Michelet!

Ora, depois de Michelet, Lucien Febvre foi o maior, talvez o único grande historiador de expressão francesa. Maior que Fustel de Coulanges, maior que Pirenne, na minha opinião.

(*) — Lucien Febvre et l'Histoire, in “Cahiers Internationaux de Sociologie”, volume XXII, Cahier double, Nouvelle Série, Quatrième Année, Presses Universitaires de France, Paris, 1957. (Tradução de Margarida e Joaquim Baradas de Carvalho.

Ainda que quiséssemos admitir, o que me parece difícil, que o seu **combate** por uma certa forma de História fôra inútil, ainda assim, quase a cada página da sua obra, ressaltam o dom, o temperamento do grande historiador. Ponhamos sem rebuços o problema desta grandeza.

A formação de um espírito superior reclama circunstâncias favoráveis, excepcionais até, e que põem em jôgo a própria longa duração. A grandeza de um Dante, de um Goethe, provêm entre outras coisas do fato de resumir em si séculos anteriores de civilização. Sem querer esmagar Lucien Febvre sob o pêso destas comparações, notemos bem que êste espírito revolucionário, apaixonado pelo nôvo, é também o herdeiro de milhares de historiadores, que estabeleceram lentamente as bases do nosso trabalho e que pacientemente alargaram o seu domínio. Lucien Febvre é dêles o continuador. Pelos seus mestres, um Gabriel Monod, um Gustavo Bloch, está ligado ao que de melhor, mais desinteressado e mais científico a tradição histórica teve entre nós. A primeira sorte de Lucien Febvre foi a de ter chegado após êste imenso labor. A sua paixão poderia ter sido, mas não foi, a de Michelet; entre êle e Michelet interpõem-se tôdas as acumulações eruditas da História, todos os conhecimentos, êsse escrúpulo do documento que inculcam no historiador paciência e sabedoria.

Depois, ao jovem aluno do Liceu de Nancy, ao jovem normaliano entusiasta de 1898 foi dado ter, logo de comêço, uma cultura humanista cuja perfeição e profundidade concebemos mal hoje em dia. Dêste humanismo Lucien Febvre conheceu, já em criança, todos os tesouros, graças a um pai atento e sedutor, normaliano também e **agrégé** de gramática. No seu caso, não se tratou de uma bagagem adquirida na época dos concursos, e logo perdida com a maioridade, mas, na verdade, de uma arte de pensar e até de viver. Êsse humanismo, para falar um instante a sua linguagem, foi para êle "um alimento". Viveu mais de meio século, perto dos grandes espíritos do nosso passado ocidental, numa familiaridade natural, de igual para igual. Guardo a lembrança de uma súbita discussão entre nós, a propósito de Montaigne, o Montaigne da **Viagem de Itália**: êle falava de Montaigne como se êste tivesse sido um dos nossos comuns amigos...

Sim, na verdade, estranho chefe de escola revolucionária êste, revolucionário de coração e espírito, mas ao mesmo tempo tão estreitamente fiel aos seus múltiplos elos tradicionais. Em consequência, o seu pensamento terá sido o acôrdo neces-

sário, procurado consciente ou inconscientemente, afirmado tanto num sentido como noutro, e até em todos os sentidos simultaneamente, entre esta herança e as inovações tentadoras que tôdas o seduziram. E por isso, a sua curiosidade, o seu gôsto, as suas ousadias se alastraram por todo o panorama da História, pondo em causa tôdas as possibilidades do nosso trabalho, as de ontem, como as de amanhã. Êle foi capaz de reter com mão firme o que se nos afigura a suprema flor da tradição, ao nível incomparável de Leonardo da Vinci, da Margarida das Margaridas, de Lutero, Descartes, Pascal, Proudhon ou Stendhal... Ao mesmo tempo, êle viveu na incessante primavera da pesquisa, pois esta foi a terceira sorte de Lucien Febvre, no cruzamento de tôdas as ciências sociais, muitas das quais cresceram quase ao mesmo tempo do que êle.

Autêntico aluno de Vidal de la Blache, ficou tôda a sua vida, tão geógrafo quanto historiador. Leitor entusiasta da **Année Sociologique**, como Marc Bloch, assimilou muito cedo o pensamento avassalador de Durkheim e de Lévy-Bruhl, e ainda os pensamentos irmãos de Halbwachs, de Marcel Mauss e de François Simiand. Mas tranquilizai-vos, também foi um leitor fervoroso de Marx, de Max Weber e de Sombart, sobretudo de Marx, o que nem todos lhe perdoarão. Atento aos estudos, inquéritos e missões dos etnógrafos, saudou com entusiasmo, ante-ontem as teses de Leenhardt, ontem os magníficos livros de Lévi-Strauss. Membro do Comitê de Direcção dos **Cahiers Internationaux de Sociologie** desde a sua fundação, deu a esta revista o patrocínio da 6a. secção da Escola Prática de Altos Estudos. Apaixonado da História da Arte, saboreou ao mesmo tempo as audácias de um Francastel e a clássica soberania de um Émile Mâle. Neste domínio, ainda mais, se possível, êle procurava as fontes. Vi-o correr ao Louvre, entre duas entrevistas, para ali ver ou rever um quadro. Historiador de eleição da vida religiosa, foi-o também da vida científica, e das técnicas.

De tempos a tempos, tornava-se necessário fechar êste leque largamente aberto, e segurá-lo bem nas mãos. Era então que se afirmavam a sua dialética, a sua prudência, que se revelava a mensagem profunda da obra: para êle, segundo a sua fórmula familiar, "a História é o homem", um cortejo de personagens, mas também uma unidade, uma aproximação necessária dos contrários... A aproximação o levava quase sempre para a frente quando, a uma história demasiado estreita, demasiado prudente, cuidadosamente demasiado estanque, êle pro-

punha acrescentar uma história fundada de direito sobre as aquisições das ciências sociais, estas ciências sociais anexadas pelo seu imperialismo impenitente. Mas o seu pensamento não excluía bruscas reviravoltas, desta vez perante a nova História que, aos seus olhos, rompia, ou se arriscava a romper com o humanismo, sem o qual, para êle, a História ficava incompleta. Raramente terá sido possível surpreendê-lo operando esta retirada, sobre posições preparadas de antemão. Mas uma vez não são vêzes e a exceção só ganha em valor. Reparem neste passo significativo da introdução que escreveu em 1955 ao monumental inquérito de Huguette e Pierre Chaunu, *Séville et l'Atlantique*:

“As estatísticas são, para os nossos autores, o ponto de partida. Êles preferem chamar-lhes fundamento e até infra-estrutura. Palavra, peço desculpa, de que não gosto nada. *Métáfora* estática de pedreiro prudente. Vocábulo que perpetua os sempiternos debates dos teólogos “bizantinos” da História contra os seus teólogos “romanos” — a grande querela dos *infras* e dos *supras*, dos vermelhos e dos azuis. Autênticas velharias. E que dizer de “estruturas”? Palavra na moda, sei-o bem; ela aparece até nos *Annales*, demasiadas vêzes a meu ver. Porque, na verdade, o que é que há de “estruturado” realmente em tantas estruturas com que nos submergem, se assim me posso exprimir? Palavrões que é preciso não ignorar: para tantas pessoas sem idéias, tantos papagaios à procura de renome, esta ignorância seria crime imperdoável. E no entanto, por que estruturas, em vez de ritmos, pulsações, correntes e contra-correntes? Os alicerces da História não são uma camada de granito, profunda, sem fendas, monolítica. Imagino-a bastante semelhante ao sub-solo de uma das nossas capitais modernas. inextricável labirinto de condutos de água, de gás, de electricidade, de calor, de túneis por onde circulam os homens e os seus carros, de cabos que propagam as suas vozes, as suas mensagens, o seu espírito... de vazadouros, enfim, e de esgotos: também êles são precisos”.

Lucien Febvre não acrescenta aqui a sua habitual palavra de ordem: “a História é o homem”, mas ela subentende-se claramente. A palavra estrutura desagradalhe como o anúncio de um programa. Na realidade êle não quer uma História que seja apenas estritamente econômica ou estrutural, ou estritamente ideológica, ou estritamente “social”, ou estritamente política. Pela persuasão ou pela violência, o que êle se propõe é tudo concatenar no coração indiviso da História. Tôda a pes-

quiza que não se abra sôbre o conjunto da vida apresenta-se-lhe como que atingida de um pecado contra o espírito.

Quem quiser desmontar o mecanismo do seu pensamento liberal, aperceber-se-á depressa que êle não se presta nada ao ataque fácil; para o apanhar é preciso cercá-lo todo por inteiro. Se assim não fôr, se o ataque incidir sôbre um ponto determinado, não fará mais do que empurrar uma porta que já estava aberta. Que a História pela História, erudita, minuciosa, esgrima contra êle quanto quiser. Muito bem. Nunca o apanhará porém, em falta. Foi “chartiste” à sua maneira e quis conscientemente demonstrá-lo no seu **Origène et Des Perriers**. Que a História pretensamente marxista sem conseguir sê-lo, o ataque à vontade: em última análise, êsse ataque virar-se-á contra ela própria, porque o pensamento de Febvre não lhe é contraditório; desenvolve-se até muito bem sob o signo de um marxismo vivo, isto é, maleável, como recente e justamente o declararam os nossos colegas polacos, no último colóquio que nos permitiu, em outubro, ouvir na Sorbonne as suas vozes amigas e o seu elogio magnífico a Lucien Febvre. Sustento mesmo que **La religion de Rabelais**, na admirável terceira e última parte, consagrada à utensilagem mental que êle mostra parada a um certo nível, bem pouco variável — eu sustento que êste ponto de vista brilhante é um belo exemplo de estrutura comandada, encravada de fora e de dentro, mesmo se a palavra estrutura desagrade ao pensamento, ou, antes, aos gostos literários de Lucien Febvre. Sustento ainda que a teoria de Dilthey e de tôda a inquieta família dos seus filhos espirituais não sofre nenhum desmentido em tôda a obra de Febvre. Para êle existe evidentemente o Historiador, com um H maiúsculo, êsse criador, êsse deformador da História... Quantas vêzes não o defendeu?

*
* *
*

Um dos meus mais caros amigos de cativoiro, o Pe. Congar, dizia que “uma heresia é uma verdade olhada de demasiado perto”. Definição admirável. A Verdade, com um V maiúsculo, é talvez a soma, para falar como os algebristas, de tôdas as heresias, o invólucro de verdades particulares. Em todo o caso, o pensamento, a “verdade”, de Febvre, é uma totalidade, um concêrto, um acôrdo vivo; deleitosamente, reúne as idéias semelhantes, dissemelhantes ou contrárias. Põe-nas em presença, confronta-as, sem reduzir esta àquela. Noutros têrmos, êle é ao mesmo tempo tôdas as nossas escolas ou pseudo-

escolas, tôdas as nossas vitórias, tôdas as nossas explicações. Pertence a todos. Queiramô-lo ou não, representa a nossa totalidade. E', por excelência, um estimulador de idéias.

No entanto, eu desejaria mostrar o que esta estranha e difícil composição carrega em si de acidental e, de certo modo, de precário na sua beleza. Tudo o que arrebatava Lucien Febvre nos seus últimos anos nos arrebatava a nós e, de fato, mais ainda a geração que nos segue, para um nôvo humanismo. Ou melhor, para uma revolução profunda das próprias bases da ciência e da cultura, de que nos cabe fazer um nôvo humanismo, em vez de uma simples e inelutável destruição dos valores antigos. Nesta elaboração do futuro, penso que a História pode e deve ter um grande papel, se ela se dignar a debruçar-se sôbre êste problema: compreender e fazer compreender, através do estudo da realidade e da continuidade históricas, o próprio sentido da nossa época; compreender o presente como um elo da cadeia, como um momento numa evolução de longa duração. Ou a História ascende a êste alargamento da visão do historiador — e através dêle, da dos seus contemporâneos — ou ela não será mais do que um jôgo estéril, jôgo de paciência para eruditos. Acredito nesta missão da História. A tarefa que ela nos propõe é, antes de mais nada, durante uns anos ainda, aperfeiçoar os nossos utensílios, as nossas técnicas, o nosso material de documentação. E' preciso que os nossos conhecimentos estejam à altura das nossas pretensões e das nossas responsabilidades. Ora, durante um século, a erudição apenas explorou uma parte dos arquivos e dos testemunhos, e por aqui poderemos fazer uma idéia do que nos resta para descobrir. A História não será algo de vivo senão a êste preço, o que implica o abandôno de algumas das nossas facilidades e das nossas mais caras crenças, em proveito às vêzes de verdadeiras heresias, provisórias esperemô-lo, isto é, de tarefas e de verdades particulares...

E' por esta razão que Lucien Febvre, num certo sentido homem de tradição, franco bebedor dos velhos vinhos espirituais do Ocidente, do vinho de Erasmo, mas também "homem do Renascimento, capaz de tudo compreender" (1), Lucien Febvre não procurou fazer dos seus discípulos o que êle próprio foi: o sentido profundo da sua pesquisa os impelia para longe dêle. A sua forte sedução marcou tôda a nossa geração, mas marcou-a com o gôsto da liberdade. De si próprio, êle poderia

(1). — Gabriel Le Bras, *Politique étrangère*, novembro de 1956.

ter dito o que disse Michelet nas vésperas de deixar o Colégio de França:

“Não tenho partido... Por que? Porque na História só vi a História e nada mais. Não tenho escola... Por que? Porque não exagerei a importância das fórmulas, porque não quis sujeitar nenhum espírito: mas pelo contrário, libertá-los, dar-lhes a força viva que permite discernir e encontrar”.

Não vejo em Lucien Febvre o autoritário chefe de fila, de escola ou de capela tantas vezes descrito. Intelectualmente, apesar do seu fervor amigo, julgo que esteve sempre muito só. Muito acima. Um príncipe do espírito. Para além do homem bom e generoso que só alguns raros amigos conheceram, fino, discreto, de uma coragem sem jactância, é esse príncipe da História que hoje homenageamos.

FERNAND BRAUDEL

Professor do Colégio de França